

Crítica // Como vender a Lua ★★★★★

Feitiço da Lua

Mesclando dados da realidade com um roteiro hilário e fictício, *Como vender a Lua* traz ótima química entre Scarlett Johansson e Channing Tatum

Ricardo Daehn

Foi em 2016 que a dupla de queridinhos da América, Jennifer Lawrence e Chris Pratt estrelou a ficção científica *Passageiros* (2016), num relativo fracasso de arrecadação, depois de US\$ 110 milhões de investimento. Agora, num novo filme, *Como vender a Lua*, na escala de produção similar, e com os pés muito mais no chão (ainda que com a mesma Lua no coração), são os astros Channing Tatum e Scarlett Johansson que abraçam a bem representada emoção

dos americanos inseridos no núcleo duro da Nasa e que viram o homem conquistar o espaço em 1969.

Entre a exuberância da encenação dos bastidores do cinema cravada, recentemente, pelo diretor Damien Chazelle, no longa *Babilônia*, e um filme evento de corrida espacial, ao estilo de *O primeiro homem* (do mesmo Chazelle), o diretor Greg Berlanti comanda *Como vender a Lua* detido no amor e ódio alternado pelos personagens de Tatum e Johansson; ele, o diretor de lançamentos espaciais Cole,

APPLE TV/DIVULGAÇÃO



Scarlett Johansson e Channing Tatum: casal com química

e ela, Kelly, uma mistura de relações públicas e publicitária arrebanhada pela Nasa. Cole, noutro extremo, quer estudar, meticulosamente, o desenvolvimento da missão Apollo 11. Um trauma profissional sufoca Cole.

Obcecada pelo aproveitamento (e pelo fracasso) de missões da Nasa, Kelly fará Cole, a contragosto, engolir “ordens do topo do topo”. Em cena, muito “pega fogo”, no embate entre o provável casal. “Senti algo entre nós”,

detecta Kelly, a dado momento. No papel do invocado Moe, Woody Harrelson serve como intermediário entre Kelly e os governos de Lyndon B. Johnson e Richard Nixon.

Num jogo que mescla humor, ciência, religião e pesadelos logísticos ancorados à difusão da chegada do homem à Lua, o diretor Greg Berlanti faz decolar um filme romântico e inesquecível, coroadado pela presença de um gato preto em cena.

Crítica // *Twisters* ★★

Tudo pelos ares

Na cauda do vistoso cometa que promete se tornar a bilheteria do filme de catástrofe *Twisters*, estrelado por Daisy-Edgar Jones (das séries *Normal people* e *War of the worlds*), se puxa uma genética de sucesso. Foi nos anos de 1990, com nomes do autor Michael Crichton (de *Parque dos dinossauros*) e do diretor neerlandês Jan de Bont (de *Velocidade máxima* e

Lara Croft), que se estruturou uma sólida produção (ainda assinada por Spielberg) e que marcou época: *Twister*.

Quase 30 anos depois, o clima apertou, com toda a torrente de mudanças bruscas refletidas no cotidiano. Daí o momento oportuno do diretor Lee Isaac Chung (que muda por completo a paleta, desde o drama *Minari*) impulsionar *Twisters*,

um derivado do longa clássico?! de 1996.

Um projeto de ciência comandado pela jovem Kate (Jones), em contraponto à força da natureza aponta para uma jornada olímpica, que culmina com um desastre reservado à pequena cidade de El Reno. O clima de apagões de energia e de rivalidade que compuseram o filme de 1996, repetem-se agora, rearranjados. A interação junto a tornados, criam o corre-corre para porões e ainda alavanca a

popularidade de pessoas em canais da internet. Com uso de drones, e destemidos frente a fatores imprevisíveis, amigos do exibido Tyler Owens (papel de Glen Powell) criam uma rede para a fama dele no YouTube.

Com cenas impactantes em um cinema, e quedas de objetos dos mais variados (a caixa d'água é inesquecível), a devastação estabelece a sensação de um filme de terror, mas com um quê da bobagem vista em *Transformers*. Haja carro voando. (RD)